Caderno Virtual de Turismo
ISSN: 1677-6976
Vol. 10, N° 2 (2010)

# Repensando a "hospitalidade" do povo brasileiro: como e porque somos e não somos hospitaleiros

*Jean Henrique Costa (jeanhenrique@uern.br)**
*Helane Fernandes Pimenta (helanepimenta@hotmail.com)***

## Resumo

O presente texto objetiva ensaiar uma reflexão acerca das relações de hospitalidade vigentes na formação cultural do brasileiro. O ensaio se pautou em pesquisa bibliográfica, basilarmente, na obra Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. Trata-se de um estudo bibliográfico; ensaístico na forma, pois traz mais questionamentos e especulações do que inferências empíricas. Como considerações da pesquisa, algumas inferências de ordem teórica podem ser inventariadas acerca da chamada hospitalidade do povo brasileiro. A primeira considera imprecisa a ideia de que o Brasil é um país hospitaleiro, pois pouco foi mensurado empiricamente. Muito do já produzido sobre o tema mais especula do que investiga. Somos hospitaleiros? Sim e não! A segunda inferência expressa que a ideia é também equivocada, pois, embora o brasileiro seja um povo culturalmente unificado, existem grandes diferenças regionais e intra-regionais que diferem as relações sociais no país. A terceira e última inferência considera a ideia de povo hospitaleiro como algo perigoso, pois naturaliza as relações sociais.

**Palavras-chave:** Hospitalidade. Turismo. Povo brasileiro.

## Abstract

The present text has an objetive to assay a reflection concerning the effective relations of hospitality in the cultural formation of the Brazilian people. The assay is based in bibliographical research, fundamentally, in the workmanship Raízes do Brazil from Sergio Buarque de Holanda. One is about a bibliographical study; attemptive in the form, therefore brings more questionings and speculations than empirical inferences. As considerations of the research, some inferences of theoretical order can be inventoried concerning the well known hospitality of the Brazilian people. The first one considers inexact the idea of that Brazil is a hospitable country, therefore little was measured empirically. Much of already produced on the subject more speculates than it investigates. Are we hospitable? Yes and not! The second express inference that the idea also is maken a mistake, therefore, even so the Brazilian is a culturally unified people, exists great regional differences that differ the social relations in the country. The third and last inference considers the idea of dangerous hospitable people, therefore it naturalizes the social relations.

**Key-words:** Hospitality. Tourism. Brazilian People.

Instituto Virtual de Turismo
www.ivt-rj.net
LTDS
Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social
UFRJ COPPE
PEP Programa de Engenharia de Produção
FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

ISSN: 1677-6976
Vol. 10, N° 2 (2010)

## Introdução

*"Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra". (Darcy Ribeiro - O Povo Brasileiro)*

Este texto tem como objetivo ensaiar, sem pretensões polêmicas e/ou inovadoras, uma reflexão acerca das relações de hospitalidade vigentes na formação cultural do brasileiro. Fundamentalmente, pretende-se analisar dois pontos centrais: o primeiro é expresso pelo questionamento do modo acolhedor do brasileiro; e o segundo diz respeito à efetividade dessa hospitalidade e sua indissociabilidade com o campo das relações de poder. Não se trata de juízo de valor sobre a hospitalidade, já que, segundo Weber (2001), o conhecimento valorativo, além de ser uma cosmovisão, ainda não oferece um caminho metodológico seguro. Trata-se, destarte, de uma preliminar apreciação bibliográfica sobre o tema, pautada em uma obra bem específica: Raízes do Brasil do historiador Sérgio Buarque de Holanda. Não visa à observação e experimentação de uma realidade nacional, tampouco se faz uma macro-antropologia do povo brasileiro. Apenas se inscrevem uma obra basilar do pensamento brasileiro, o tema da hospitalidade e suas inter-relações, no dilema antropológico natureza e cultura, visando identificar parte de nossa construção social como povo hospitaleiro. É, em suma, um estudo preliminar que se reflete tanto no estado preliminar da arte como nas considerações do esboço.

Longe do costume apologético, fundado genericamente em explicações simplistas no qual a tessitura do comportamento brasileiro é acolhedora e simpática, buscou-se "escavar" algumas das "origens" desta dita hospitalidade nacional e questionar a implicação destas com determinadas relações de dominação, em especial, as relações entre o brasileiro e o estrangeiro que nos visita. Essa ligeira arqueologia do pensamento, muito longe da hermenêutica foucaultiana, é apenas um breve recorte preliminar de algumas publicações sobre a hospitalidade no Brasil, não sendo, portanto, um inventário total do já produzido.

Metodologicamente, o ensaio se pautou em pesquisa bibliográfica e, historicamente, fundamentou-se como guia central na obra Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. Trata-se de um estudo bibliográfico; ensaístico na forma, pois traz mais questionamentos e especulações do que inferências. Em alguns pontos das considerações preliminares, faltam elementos da realidade que amparem as observações empíricas aqui especuladas. Todavia, como já alertado, objetiva-se chamar a atenção em relação ao tema e expor algumas considerações de ordem teórica com fins de futuros desmanches ideológicos. É, pois, uma primeira reflexão sobre o assunto.

Recorre-se à contribuições de teóricos diversos das ciências sociais brasileiras, tais como Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro e Roberto DaMatta. O subtítulo do ensaio é inspirado na obra Como e porque sou e não sou sociólogo de Gilberto Freyre, escrito em 1968, no qual pensamos refletir a ambigüidade empírico/sociológica expressa nas páginas a seguir.

## A Ideologia da Hospitalidade: breve nota

Ao tratar acerca da "ideologia da hospitalidade" não se pretende afirmar que as proposições existentes sobre o assunto são erradas ou inventivas. A ideologia, tomada na clássica abordagem marxista, na relação entre as formas invertidas de consciência e a existência material dos homens, não é meramente uma relação entre o erro e a verdade. É, segundo Bottomore (2001), uma

* Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Doutorando em Ciências Sociais.
E-mail: jeanhenrique@uern.br

** Bacharel em Turismo - UERN.
E-mail: helanepimenta@hotmail.com

inversão que obscurece o verdadeiro sentido das coisas. Uma inversão que vai além de uma simples ilusão. Trata da "distorção do pensamento que nasce das contradições sociais e as oculta".

A chamada "hospitalidade do povo brasileiro" não é uma ideia totalmente errônea, tampouco deslocada da realidade material dos homens. Todavia, expressa a visão de mundo de determinados grupos sociais. Essa visão, "aparentemente" sem nenhum efeito negativo, apresenta uma distorção fundamental para a análise ideológica: a naturalização dos fenômenos sociais.

Essa distorção obscurece, por exemplo, a distinção antropológica entre raça e cultura. Não há nenhuma evidência segura que os traços de comportamento de um povo se processem de maneira inata. A hospitalidade, enquanto ato de receber bem o outro, não é nenhum dado natural da existência humana. É expressa por uma longa formação histórica e cultural. Não é uma realidade a priori, mas sim uma construção histórica que, num sentido mais amplo, é heterogênea, mutável e dinâmica. Afirmar genericamente que um povo é hospitaleiro, violento, amoroso etc., é expor uma representação distorcida da construção social da realidade. Obscurece também a complexidade das questões sociais e, ainda por cima, simplifica e distorce a máquina do tecido social.

Tal "ideologia da hospitalidade" não revela, muitas vezes, as duras condições sociais de sobrevivência da população e, como nasce das contradições sociais, possui a função de amenizar as tensões sociais, mascarando determinadas questões penosas e enfatizando outras mais idílicas.

O brasileiro, abstraindo as singularidades regionais e locais, possui sim traços de hospitalidade em seu comportamento, principalmente, quando comparado a um norte-americano, por exemplo. Tal hospitalidade encontra explicação na própria formação do Brasil contemporâneo. Não em elementos naturais. Os aspectos alegria, simpatia, musicalidade, cordialidade etc., atribuídos a muitos brasileiros, encontram explicação na herança cultural dos três principais povos (portugueses, índios e negros) que aqui constituíram o povo brasileiro. Os demais elementos - maneiras peculiares - foram reprimidos ou ficaram à margem de nossa tessitura geral.

## Um povo, uma marca

Existe no imaginário social brasileiro uma certa representação genérica que idealiza o seu "povo" como sendo hospitaleiro. Essa ideia é incutida como característica peculiar, pela alegria e receptividade diferenciada de outros povos, atribuída muitas vezes ao legado da miscigenação. Existe essa ideia que se transformou em identidade ou "marca registrada".

O marketing do Brasil no exterior também é responsável por parte da transmissão dessa imagem com o propósito de atrair turista. Muitas são as vertentes que se distribuem no pensamento do turista estrangeiro. Uma delas é o que Rosana Bignami (2002, p. 124) considera como o caráter brasileiro. "Nela explora-se a cordialidade, a musicalidade, a sensualidade, a falta de preconceito racial, a alegria de viver. Tal categorização prevê que o turista se encante pelo País por meio do seu povo". Observa-se, por conseguinte, uma associação entre específicas características de parte da heterogênea população brasileira com o caráter mercadológico impresso na mídia turística.

Para Praxedes (2004), a hospitalidade é o compartilhamento, segurança, generosidade e ternura ao visitante, a relação "misteriosa" e "bem sucedida" entre o visitante e o visitado, compartilhada entre si. Supõe-se que, para o autor, a reação

positiva ou negativa resulta da relação afetiva entre eles durante o contato. Assim, a hospitalidade é condicionada; existe somente mediante o sucesso do ato hospitaleiro para com o visitante. O parecer final estabelecido resultará da rigorosa percepção e interpretação detalhada do visitante.

Camargo (2004, p. 52) define hospitalidade como "o ato humano, exercido em contexto doméstico, público e profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu [habitat] natural".

Essa tríade que Camargo (2004) aponta está relacionada e diferenciada em cada categoria. A primeira se intitula "receber doméstico", no qual as pessoas são recebidas, hospedadas, alimentadas e entretidas em ambientes caseiros. Pode-se considerar que esse "receber" é a forma mais íntima e pessoal, uma relação entre tempo e espaço. Nota-se que a hospitalidade doméstica vem desde os tempos remotos, quando a inexistência de hospedagem comercial estendia espaço para o "receber em casa". As pessoas sempre hospedaram as outras em casa, uma prática ainda corriqueira na atualidade, mesmo diante dos requintes do receber comercial. Isso pode se presumir por diversos fatores: seja pelo simples fato de gostar de receber as pessoas em seu espaço reservado, seja pela submissão do receber por "obrigatoriedade" (pessoas conhecidas, parentes e amigos), seja ainda pela simbólica ideia da troca (não comercial), ou seja, da "dádiva".

A segunda categoria apontada por Camargo (2004) é o "receber público" (inerente ao espaço público, à cidade ou país, ou seja, ao aspecto estrutural e visual, alimentado pela culinária local e entretido pelos eventos e espaços oferecidos pelo lugar). Nesse sentido, o espaço real da hospitalidade é o que o lugar em si oferece, seja através de pessoas na rua, seja através de ambientes públicos aconchegantes e acolhedores, repassando ao hóspede o que há de bom no lugar.

A terceira e última categoria é o "receber profissional", que está relacionada ao aspecto comercial, recebido por serviços previamente contratados e delimitados ao espaço privado.

Alvim (2003), em artigo intitulado "Imagem do Brasil lá fora", ressalta que em pesquisa realizada pela CNT[1] "o brasileiro é visto como um povo alegre, hospitaleiro, confiável e trabalhador por quase todos os países do mundo". Integra a ideia de que é preciso o brasileiro saber mais do próprio país para tentar vendê-lo melhor no exterior. O olhar externo generaliza os brasileiros como pessoas alegres, confiáveis e hospitaleiras. Considera a mesma ideia do país do futebol, que todo brasileiro é bom jogador.

Embora simplificada a ideia da hospitalidade brasileira, o desdobramento ideológico busca (re)criar um modelo de "receber bem" buscando a motivação em diversos âmbitos de estudos, inclusive no comercial.

É imprescindível o compromisso profissional em atender bem os clientes. Percebe-se que essa hospitalidade é a sustentação "mecanizada" e estabelecida, auferida ao comportamento regido pelas regras econômicas, além de, obrigatoriamente, conhecer as técnicas do bom atendimento para receber, "gostar de atender". Se no imaginário social o Brasil é um país hospitaleiro, não seria necessário estimular "rigidamente" pessoas à alegria e hospitalidade no campo profissional, mas apenas adaptá-las ensinando as regras comerciais em vigor.

Bonadona[2] (2004) ainda complementa que o Brasil "é um dos países mais hospitaleiros do mundo, se não for o mais. Os brasileiros têm o DNA do bom atendimento. É

1. Confederação Nacional do Transporte (CNT) - o autor coloca que a CNT encomendou, pela primeira vez, a pesquisa a nível mundial para notificar como o Brasil é visto. A pesquisa foi realizada no ano de 2002, passou por 22 países, coordenada pelo Instituto Sensus, com apoio da Universidade de Michigan, nos EUA.

2. Roland de Bonadona, diretor-geral da Accor Hotels, rede de hotéis no Brasil. Entrevistado em 2004, pela Revista Host (Hospitalidade e Turismo Sustentável).

a grande força do Brasil". É esta ideia que permeia o sentido econômico, do "bom atendimento".

As percepções ora apresentadas contextualizam os componentes dessa "indústria" e dessa práxis social com o turismo. Estreita as relações da atividade com a prática do serviço, por se tratarem de receber "pessoas que estão longe de casa". O comportamento exercido na recepção das pessoas é parte da hospitalidade. Cabe investigar neste momento, até que ponto tal hospitalidade brasileira existe de fato e quais os fundamentos históricos de sua gênese enquanto dado social. Isto é objeto dos tópicos seguintes.

## O Conceito de "Homem Cordial" Retratado pelo Distanciamento das Relações Impessoais

Sergio Buarque de Holanda trouxe em sua obra uma expressiva contribuição para o estudo da formação do Brasil. Nascido em São Paulo em 1902, jornalista, sociólogo e historiador brasileiro, considerado um dos maiores intelectuais brasileiros do século XX, tentou interpretar o Brasil, em sua estrutura social e política, a partir de suas raízes históricas. Depois de lecionar em algumas escolas superiores, tornou-se catedrático de História da Civilização Brasileira na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (CÂNDIDO, 1995).

Seu produto principal, Raízes do Brasil, tornou-se um "clássico de nascença", segundo definição de Antônio Cândido, por seu conteúdo extremamente rico em informações e interpretações, usando metáforas que estabelece para explicitar seus pensamentos sobre a formação social do Brasil. A ideia do "homem cordial" [3].

Antonio Cândido, em introdução à obra Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, faz um breve exercício sinóptico acerca do conceito de "Homem cordial buarqueano". Para ele:

> *O 'homem cordial' não pressupõe bondade, mas somente o predomínio dos comportamentos de aparência afetiva (peso das relações de simpatia), inclusive suas manifestações externas, não necessariamente sinceras nem profundas, que se opõem aos ritualismos da polidez. O homem cordial é visceralmente inadequado às relações impessoais que decorrem da posição e da função do indivíduo, e não da sua marca pessoal e familiar, das afinidades nascidas na intimidade dos grupos primários. (CÂNDIDO, 1995, p. 17, grifo nosso).*

Essa breve citação apresenta os dois principais aspectos componentes da "cordialidade" vigente nas relações sociais brasileiras. O primeiro se expressa pela predominância de uma ética afetiva nas relações sociais (tendemos a nos "familiarizar" com tudo e todos - clientes, santos, patrões, e até com o Estado[4]). O segundo se refere à inadequação (pontual e às vezes até genérica) do brasileiro às relações impessoais, na medida em que há uma confusão entre a vida pública e a vida privada - quando termina a família e começa o Estado?

Mas qual o quadro de referência histórico que tornou possível tal ética da afetividade no brasileiro? Por qual motivo somos "cordiais"? Uma das respostas apresenta-se a seguir, fundamentada em pontos pertinentes de Raízes do Brasil.

Sérgio Buarque de Holanda principia o capítulo em que trata do "Homem Cordial" afirmando que o "Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo" (1995, p. 141). Para ele, não existe sequer uma gradação entre família e Estado (crítica ao pensamento de Engels), mas até uma descontinuidade e

3. "Expressão tomada a Ribeiro Couto" (CÂNDIDO, 1995, p. 17). In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

4.Exemplos dessa "familiarização" com o Estado são todas as formas de ingresso pessoal na ordem impessoal da vida pública. Em outras palavras, privilégios na ordem estatal. Cargos comissionados; uso indevido do espaço público para fins pessoais; privilégios pessoais em hospitais, escolas etc.

oposição. Em outras palavras, a essência de ambos é substancialmente diferente. O Estado é de ordem geral, coletiva, impessoal e formal. A família é o oposto. Embora haja todas as arbitrariedades culturais, na família predominam o individual, as relações pessoais, íntimas, afetivas, particularistas. Esse jogo entre pessoal e impessoal (laços familiares e ordem burocrática) é conditio sine qua non para o entendimento do problema em questão.

No Brasil, as relações pessoais tiveram, desde o início de sua colonização, peso liderante na formação cultural de seu povo. Das três figuras que deram origem ao brasileiro atual, uma teve, para Sérgio Buarque, papel basilar no comportamento da nova povoação: o colonizador português.

É em Sérgio Buarque de Holanda que a importância do português toma relevo em nossa compreensão do Brasil, devido a sua "inadequação" às relações impessoais. O povo ibérico, no valor atribuído à pessoa humana, na aversão ao culto da moral do trabalho, na cultura da personalidade, na ideia de superação e de competições individuais, sempre optou por empreendimentos em que o ócio não fosse desprezado. No Brasil não foi diferente.

No mundo moderno, à abolição da velha ordem familiar por outra tende a substituir os laços de afeto e sangue por laços impessoais, embora não de forma homogênea no tempo e no espaço.

Holanda (1995, p. 143) afirma que:

> *Ainda hoje persistem, aqui e ali, mesmo nas grandes cidades, algumas (...) famílias 'retardatárias', concentradas em si mesmas e obedientes ao velho ideal que mandava educarem-se os filhos apenas para o círculo familiar (...) Mas essas mesmas tendem a desaparecer ante as exigências imperativas das novas condições de vida. (HOLANDA, 1995, P. 143).*

O desaparecimento dessas famílias não se deu na totalidade nacional. A modernidade ainda não chegou plenamente ao Brasil! A diferenciação dos espaços brasileiros foi e está sendo heterogênea no espaço e no tempo. Num dos brasis, aquele moderno, vinculado ao centro-sul e a economia na fase da financeirização e reestruturação tecnológica, ainda permanecem relações familiares no cerne da vida cotidiana. Exemplos cabais disso são relações de trabalho ditadas por laços de parentesco e amizade; vínculos político-profissionais via interesses particularistas; congratulações religiosas das mais diversas etc. Nesses espaços, tal constatação ainda ocorre, embora em proporções substancialmente reduzidas.

Nas áreas nacionais mais periféricas, mesmo com o avanço das estruturas produtivas, o vínculo afetivo dita a todo vapor a vida social. Os coronéis ainda vivem!

Lado a lado, coexistem relações afetivas e impessoais. Usando termos de Milton Santos (2006), o eixo sincrônico impera na medida em que avança a modernidade e permanecem aspectos pré-modernos. No eixo diacrônico, mesmo as estruturas que ficam para trás deixam marcas que não podem ser totalmente apagadas. A racionalidade vem gradualmente, mas não consegue "deletar" todo o peso das relações pessoais (afetivas).

No Brasil atual, a "cordialidade buarqueana" ainda não se desfez nem mesmo em espaços em que as vidas econômicas, sociais e políticas são regidas pelo grande capital. É indissociável o problema da modernidade com o legado deixado pelos portugueses.

Bignami (2002) aponta que as características da cordialidade afirmadas por Holanda são traços que se definem como

formador do caráter brasileiro, oriundos culturalmente do povo português (da colonização ibérica). "Também se compreende que a carência dessa moral do trabalho se ajuste bem a uma reduzida capacidade de organização social que se adaptou muito bem ao Brasil" (HOLANDA, 1995). Percebe-se claramente que até hoje o Brasil é remanescente dessas irregularidades, desorganização social com algumas influências supostamente advindas da cultura portuguesa. Holanda (1995, p.40) afirma que:

> *A experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas, quando estes encontraram uma possibilidade de ajuste ao seu quadro de vida. Neste particular cumpre lembrar o que se deu com as culturas européias transportadas ao novo mundo. Nem o contato e a mistura com raças indígenas ou adventícias fizeram-nos tão diferentes dos nossos avós de além-mar como às vezes gostaríamos de sê-lo. No caso brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer a alguns dos nossos patriotas, é que ainda nos associa à península Ibérica, à Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma. (HOLANDA, 1995, p. 40).*

As restrições e poucas opções às quais os indígenas se depararam os colocaram diante de uma conjuntura de imposição ao enquadramento no novo modo de vida oferecido. Os ajustes culturais advindos do âmbito externo, no caso o europeu, provocaram a suposta "aceitação" e maior tristeza[5] em nossos nativos.

A adaptação do negro às novas condições materiais de reprodução social também se enquadra no esquema teórico de Sérgio Buarque. Todavia, o peso do colonizador europeu, mais especificamente do modelo patriarcal da família como "unidade produtiva", nas palavras de Gilberto Freyre, dota a herança colonial como um passado construído efetivamente pela mão portuguesa.

Esse braço português se traduz pela sua singular predisposição à colonização nos trópicos. Freyre (2005, p. 66) indica que:

> *A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte do passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob européia e dando um acre requeime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo as instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval; tirando os ossos ao cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo. A Europa reinando, mas sem governar; governando antes a África. (FREYRE, 2005, p. 66).*

Freyre (2005, p. 90) afirma que "os portugueses não trazem para o Brasil nem separatismos políticos, como os espanhóis para seu domínio americano, nem divergências religiosas, como os ingleses e franceses para as suas colônias".

Roberto DaMatta (1998, p. 47) afirma que:

> *Quando acreditam que o Brasil foi feito de negros, brancos e índios, estão aceitando sem muita crítica a ideia de que esses contingentes humanos se encontraram de modo espontâneo, numa espécie de*

5. Embora o índio, segundo Léry (apud FREYRE, 2005, p. 229) fosse corajoso, hábil, saudável, não estava adaptado a exercer um rígido esforço, árduo, rotineiro. Essa inadaptação foi devido à disparidade existente entre o modo de vida imposto aos indígenas e o modo de vida do europeu. Sua cultura era nômade, esporádica e de sobrevivência, não se constituindo, por conseguinte, na vontade do "acúmulo de riquezas" (não existia nenhuma perspectiva de tentar angariar recursos a longo prazo senão o de 'cada dia', tampouco para a expansão de um regime produtivo). Freyre (2005, p. 229) ainda afirma que "(às) exigências do novo regime de trabalho, o agrário, o índio não correspondeu, envolvendo-se em uma tristeza de introvertido".

*carnaval social biológico. Mas nada disso é verdade. O fato contundente de nossa história é que somos um país feito por portugueses brancos e aristocráticos, uma sociedade hierarquizada e que foi formada dentro de um quadro rígido de valores discriminatórios. (DAMATTA, 1998, p. 47).*

Os traços culturais, possivelmente remanescentes do "espírito aventureiro português", permitiram a configuração do país como uma plasticidade social, abrangendo diversos aspectos, por exemplo, as negociações econômicas. Holanda retrata metaforicamente a figura do "aventureiro" como o espírito do imediatismo. Na falta de planejamento, buscava-se riqueza fácil, devido à irracionalidade da busca pelo imediato, em curto prazo, divergindo com o "espírito trabalhador", que racionalmente calcula as oportunidades e consequências do seu árduo trabalho, fixando uma visão além, para não desperdiçar seus esforços. Nota-se que "os portugueses vinham buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custa ousadia, não a que custa trabalho. A mesma em suma que se tinha acostumado a alcançar na Índia com as especiarias e metais preciosos" (HOLANDA, 1995, p. 49).

Essa transmissão de valor caracterizada pela figura do aventureiro é fortemente encontrada no Brasil atual, que se transformou em característica tida como peculiar. O aventureiro não se importava com o devir. O imediato sempre foi seu objetivo. O interesse de fixação nas terras brasileiras não era o objetivo, apenas retirar o melhor existente dela. A velocidade, o imediatismo, tendo sempre um "jeito" especial de resolver as coisas, era exatamente o que regia a ordem no Brasil e que, porque não, é fundamento do atual chamado "jeitinho brasileiro" de ser. DaMatta (1998, p. 99) caracteriza o "jeito" como:

*Um modo e um estilo de realizar. Mas que modo é esse? É lógico que ele indica algo importante. É, sobretudo, um modo simpático, desesperado ou humano de relacionar o impessoal com o pessoal; nos casos ? ou no caso ? de permitir juntar um problema pessoal. (DAMATTA, 1998, p. 99).*

Esse "jeito", que DaMatta chamou de "jeitinho brasileiro", significa um dilema entre a impessoalidade (estado) e a vida privada (família). O indivíduo tende a se afastar da ordem burocrática, informalizando e personalizando as negociações. Surge aí a figura do malandro.

O jeito ou jeitinho brasileiro é multifacetado. A princípio pode ser considerado como negativo, subordinação, esperteza, negação de leis, mas, existe o lado positivo. Para Stelio Rega (2004), a criatividade e invenção momentânea são positivas, ante as situações existenciais no dia-a-dia como alternativas para uma saída imediata, solucionando favoravelmente uma situação impossível. Para DaMatta, o que conta na malandragem é "a voz", o "sentimento" que rege e inventa as regras e a "improvisação" rejeitando o formalismo.

Paralelamente às normas e leis estabelecidas no país, na vida social, organizacional, enfim, constroem-se características que influenciam o corpo social brasileiro, resultando na plasticidade de nossa gente. É o jeitinho! Esse jeito que o brasileiro possui de encontrar nas mais variáveis situações formas favoráveis para simplificar a sua vida; um jeito particular de desburocratizar, de tornar o relacionamento menos impessoal. Em suma, nosso jeito de sermos cordiais.

Holanda (1995, p. 147) define "homem cordial":

*Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade - daremos ao mundo o "homem cordial". A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas pelo estrangeiro que nos*

> *visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa a fecunda influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar "boas maneiras", civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. Na civilidade há qualquer coisa de coercitivo - ela pode exprimir-se em mandamentos e em sentenças. (HOLANDA, 1995, p. 147).*

O homem cordial também se faz numa ponte paralela no que diz respeito à plasticidade em seu comportamento, ou seja, o "personalismo". Este significa uma característica que tende a aproximar todas as pessoas e objetos para mais perto de si, e transformar todas as relações sociais e políticas em termos pessoais e familiares. Não se distinguem as relações entre o ambiente público e privado, fruto de uma "herança rural" onde as relações patriarcais predominam no público. Holanda (1995, p. 82) afirma que "o quadro familiar torna-se, assim, tão poderoso e exigente, que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico. A entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública".

Esse personalismo germina em diferentes aspectos, inclusive nos cultos religiosos, onde existe uma aproximação das pessoas aos seus santos; até mesmo pela intimidade observada em suas petições e nos diminutivos atribuídos a eles (Santa Teresinha). O ato religioso transforma-se constantemente em festividades, as pessoas (des)ritualizam o culto aos santos, com suas tão profundas intimidades em suas petições. Atribuem-se esses diminutivos como expressões advindas do negro escravo.

> *Canções de berço portuguesas, modificou-se a boca da ama negra, alterando nelas as palavras; adaptando-as às condições regionais; ligando-as às crenças dos índios e às suas. Assim a velha canção "escuta, escuta, menino" aqui amoleceu-se em "durma, durma, meu filhinho", passando Belém de "fonte" portuguesa, a "riacho" brasileiro. (FREYRE, 2005, p. 410).*

A influência do negro africano é, para Gilberto Freyre (2005, p. 367-551), aspecto basilar de nosso comportamento mais afetivo, mais afetuoso. Para ele:

> *Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, da primeira sensação completa de homem, do moleque que foi nosso primeiro brinquedo (...) Foi ainda o negro que animou a vida doméstica do brasileiro de sua maior alegria. O português, já de si melancólico, deu no Brasil para sorumbático, tristonho; e do caboclo nem se fala: calado, desconfiado, quase um doente na sua tristeza. Seu contato só fez acentuar a melancolia portuguesa. A risada do negro é que quebrou toda essa "apagada e vil tristeza" em que se foi abafando a vida nas casas-grandes. Ele que deu alegria aos são-joões de engenho; que animou os bumbas-meu-boi, os cavalos-marinhos, os carnavais, as festas de Reis. (FREYRE, 2005 p. 367-551).*

Voltando a Sérgio Buarque, nas profissões, em toda vida política e em todas as relações sociais, encontra-se essa "ética da afetividade" - a cordialidade - porém não necessariamente como sinônimo de

bondade, mas um distanciamento da rigorosidade nas relações sociais, do ritualismo, contrariando a polidez, da "civilidade", por exemplo, do inglês[6]. A repulsa às duras normas e formalidades aqui ainda prevalece, assim como a repulsa ao trabalho (refere-se aqui como o trabalho braçal).

Essas características contribuíram para a formação do homem cordial. É o que Bignami (2002) reforça como "lado emotivo nacional", em que o emocional é parte fundamental da intimidade, do distanciamento da impessoalidade e a busca sempre pela proximidade, desfazendo a formalidade.

A cordialidade não é, necessariamente, sinônimo de bondade, porém de flexibilização, amortecimento nas relações. Holanda ressalta o ser cordial como o que vem do coração; porém não somente os sentimentos "bons", mas qualquer sentimento que pode ser dicotômico, o amor ou o ódio, perdão ou a vingança, a concórdia ou a discórdia. Mesmo na inimizade a cordialidade pode permanecer bem como na amizade. Ainda existe a possibilidade do interesse ou desinteresse de algum benefício, conforme colocado por Mário Jorge Pires (2002).

Fechando este ponto, a cordialidade, ou o chamado jeitinho brasileiro, possui uma forte presença na construção social do que se chama "povo hospitaleiro". Em culturas ocidentais racionais a hospitalidade está ligada ao uso de técnicas racionais de receber bem, amparadas em recursos pragmáticos de atendimento, qualidade nos serviços etc. Em realidades periféricas, no qual o improviso e o jeitinho tendem a buscar solução para diversas questões cotidianas, há um misto de racionalidade no ato de receber (observem as grandes redes hoteleiras e seus estatutos!) lado a lado com o improviso e a "afabilidade" presente no ato de receber (garçons brincando com hóspedes; mensageiros de hotéis contando piadas; "tapinha nas costas" do cliente etc.). Como consequência, tem-se a existência de um padrão de qualidade questionável para uma parcela da demanda turística, mas, paralelamente, desperta a atenção em outro segmento de demanda para o lado mais afável de parte de nossa população. Resultado? O jeitinho/cordialidade se transforma na imagem, diante dos olhos dos estrangeiros, de como as relações sociais aqui se processam. E isso não ocorre apenas no âmbito interno dos equipamentos turísticos, mas também mais abertamente nos diversos espaços públicos. A cordialidade (ou o jeitinho!) não é a hospitalidade em si, mas elemento que reforça, tanto as representações sociais, quanto a construção da imagem turística no exterior.

## Considerações Finais: os Limites da Chamada "Hospitalidade Brasileira"

O presente texto ensaiou sobre algumas reflexões acerca da suposta hospitalidade do povo brasileiro. Mesmo que de forma especulativa, o objetivo geral do ensaio foi parcialmente, isto é, realizou-se parte da crítica do pensamento sobre o tema em pauta. Após tal esquematização, algumas inferências de ordem teórica podem ser inventariadas acerca da chamada hospitalidade do povo brasileiro.

A primeira é que tal ideia de que o Brasil seja um país hospitaleiro é imprecisa, pois pouco foi mensurado cientificamente. São carentes os estudos que comprovam a totalidade hospitaleira do brasileiro. Muito do que já foi produzido sobre o tema, mais especula do que investiga. Somos hospitaleiros? Sim e não!

A segunda inferência expressa que a ideia é também equivocada, pois, embora o brasileiro seja um povo culturalmente unificado, existem grandes diferenças regionais e intra-regionais que diferem as relações sociais no país, ou seja, há brasileiros e brasileiros!

6. A presença portuguesa na formação social do Brasil não chegou pura. Sua cultura estava indefinida entre a África e a Europa. Existia já em Portugal, enraizada sutilmente e despercebidamente, a presença da cultura africana, ou seja, o negro influenciador no "ar duro" do europeu, díspar do inglês, com sua imposição social e religiosa, desprovido de afabilidade (FREYRE, 2005, grifo nosso).

> *(...) A Amazônia devia ser um país, porque é tão diferente. O Nordeste, até a Bahia... outro país que é diferente. A Paulistânia e as Minas Gerais juntas são outra gente... O Sul, outra gente... Esse povão que está por aí pronto pra se assumir como um povo em si e como um povo diferente, como um gênero humano novo dentro da Terra. (RIBEIRO, 1997, p.10).*

Embora unificadas pela miscigenação, as relações sócio-culturais brasileiras se distinguem entre si. Nem sempre todas as pessoas tendem a ser hospitaleiras. A dimensão geográfica do país permite que cada região tenha peculiaridades em seu modo de vida. Por conseguinte, há maneiras de "ser" distintas. Existem áreas com comportamento mais afetivo, outras com menor grau de receptividade.

Gilberto Freyre (2005, p. 372) enfatiza a cultura baiana para ressaltar parte das diferenças regionais presentes em nosso comportamento heterogêneo atual:

> *Pode-se verificar a qualquer momento no fácil laboratório que, para experiências desse gênero, é o Brasil. Contrastando-se o comportamento de populações negróides como a baiana ? alegre, expansiva, sociável, loquaz ? a piauiense, a paraibana ou mesmo a pernambucana ? tem-se a impressão de povos diversos. Populações tristonhas, caldas, sonsas e até sorumbáticas. Na Bahia, tem-se a impressão de que todo dia é dia de festa. Festa de igreja brasileira com folha de canela, bolo, foguete, namoro. (FREYRE, 2005, p. 372).*

Mesmo dentro de um espaço delimitado, as pessoas não são homogêneas em seu aspecto cultural. Por exemplo, a expressividade brasileira transmitida nas festividades baianas, não é de igual modo das outras regiões. O carnaval comemorado na Bahia difere do carnaval do Rio de Janeiro, Pernambuco e São Paulo (considerados os mais consolidados do país). Portanto, pressupõe-se que existem "carnavais e carnavais" dentro do país.

A terceira e última[7] inferência considera a ideia de povo hospitaleiro como algo perigoso, pois naturaliza as relações sociais. De fato, ser negro, branco ou índio não sintetiza, justifica ou idealiza o que permeia a chamada hospitalidade, mas sim, a flexibilidade das relações sociais e culturais, implantadas na formação social brasileira, que, aos olhos do estrangeiro, traz consigo a imagem de país "diferente".

Diante do exposto, a título de limite deste estudo, percebe-se uma contradição, tanto documental, quanto empírica, entre as metanarrativas acerca do "brasileiro" como povo hospitaleiro e as disparidades empírico-regionais, questão lógica e empírica que precisa posteriormente de revisão. A própria categoria de análise buarqueana, a noção de homem cordial, é uma categoria de pensamento que deixa escapar as peculiaridades locais. Assim, é preciso observar os limites desse conceito. Contudo, foi a lente teórica optada. No âmbito da realidade concreta, é preciso também observar mais detalhadamente as diversas diferenças regionais, com vistas a uma apreensão mais objetiva acerca da crítica sobre as metanarrativas que rotulam o brasileiro como hospitaleiro. Ademais, preliminarmente, dá-se por encerrada esta breve problematização. Se o texto não disser nada novo, pelo menos apontará alguns limites do conceito buarqueano acerca desse fenômeno social contemporâneo em questão, isto é, a hospitalidade.

## Referências bibliográficas

ALVIM, Flávio de Faria. **Imagem do Brasil lá fora.** Revista Turismo, maio, 2003. Disponível em: <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/brasilfora.html>. Acesso em: 18 mar. 2008.

BIGNAMI, Rosana. **A imagem do Brasil no turismo: construção, desafio e vantagem competitiva.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2002.

7. Embora seja atribuída ao brasileiro a grandeza da hospitalidade, permite-se ainda, mesmo que também de forma especulativa, ressaltar uma quarta inferência: a dependência econômica do brasileiro para com o estrangeiro das nações desenvolvidas, desde sua formação, dependência essa que supõe certo apreço demasiado pelo outsider. O bom trato, a boa acolhida, a boa recepção, configurando-se em hospitalidade para com o estrangeiro, expressam também uma relação de dominação para com o visitante. O brasileiro sempre teve um apreço "exagerado" ao estrangeiro. Bignami (2002, p. 39) afirma que "o Brasil e o brasileiro parecem se interessar muito mais pelo que se diz no exterior do que pela própria formação interna do País, responsabilizando pelo que o país é", dando a ele extrema atenção, sentindo-se lisonjeado em tê-los como hóspedes, refletindo características agradáveis ao visitante, permitindo que o visitante diferenciasse o Brasil dos lugares que passavam, atribuindo posteriormente qualidades positivas ao povo brasileiro.

BONADONA, Roland de. **Inovação e hospitalidade: combinação para bem hospedar.** Revista Host, 2004. Disponível em: <http://revistahost.uol.com.br/publ.php?edicao= 1104&id_mat=41>. Acesso em: 03 ago. 2008.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. **O significado de raízes do Brasil.** In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FREYRE, Gilberto. C**asa-grande e senzala**. 50. ed. São Paulo: Global Editora: 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PIRES, Mário Jorge. **Raízes do turismo no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Manole, 2002.

PRAXEDES, Walter. **Reflexões sociológicas sobre a hospitalidade.** Revista Espaço Acadêmico, n. 37, 2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/037 /37epraxedes.htm>. Acesso em: 20 mar. 2008.

REGA, Lourenço Stelio. **Como dar um jeito no jeitinho brasileiro?** In: TEOLOGIA em foco. 2004. Disponível em: <http://www.teologiabrasileira.com.br/Materia.asp? MaterialD=65.> Acesso em: 03 ago. 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasi**l. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **O povo brasileiro.** In: ALÔ Escola. Desenvolvido pelo Departamento de Ensino da TV Cultura, 1997. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/aloéscola/esTudosbrasileiros/povobrasileiro/index.htm>. Acesso em: 18 jun. 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

WEBER, Max. A "objetividade" do conhecimento na ciência social e na ciência política. In: _____. Metodologia das Ciências Sociais. Parte 1. Tradução de Augustin Wernet. 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2001, p. 107-154.

**Cronologia do processo editorial:**

| | |
|---|---|
| Recebimento do artigo: | 11-mar-2009 |
| Envio ao parecerista: | 19-jun-2009 |
| Recebimento do parecer: | 10-ago-2009 |
| Envio para revisão do autor: | 11-ago-2009 |
| Recebimento do artigo revisado: | 11-ago-2009 |
| Aceite: | 20-ago-2009 |